

DA HIDROTERAPIA A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL EM MEIO AQUÁTICO

Paulo José Barbosa Gutierrez Filho¹; Alexandro Andrade²

¹CEFID/UDESC e UNIFEBE; ²PPCMH/UDESC

RESUMO

O presente estudo foi fruto das diferentes experiências vivenciadas durante a trajetória acadêmica e profissional de Educação Física e Fisioterapia. A intenção do artigo é fazer um entrelaçamento entre os diferentes saberes aprendido nas disciplinas de Natação e Hidroterapia, tanto na posição de docente como discente. O próprio título remete a um pensar sobre qual o viés de comunicação que se está ancorado, quando se trabalha com a diversidade humana em meio aquático, principalmente beb s e crianç as que apresentam algum tipo de deficiência, caminho este, percorrido pelo investigador desde sua graduação. Será que   Natação? Ginástica Aquática? Hidroginástica? Hidroterapia? Hidrocinesioterapia? Fisioterapia Aquática? Hidrofisioterapia ou Aquafisioterapia? Psicomotricidade Aquática? Psicomotricidade Relacional em Meio Aquático? E ainda, quais os pressupostos teórico-metodológico a adotar? Neste sentido, torna-se fundamental a disponibilidade corporal, o tom de voz, a postura de escuta, o receber a pessoa como ela é, a comunicação verbal e não verbal, o olhar com tom de permissividade ou não permissividade, do professor/facilitador/terapeuta no trabalho em meio aquático com esta população. Os resultados fazem refletir sobre a importância de uma formação teórica, pedagógica (prática) e pessoal nos cursos de graduação em Educação Física e Fisioterapia, e porque não dizer, nos cursos da área da Educação e da Saúde. Como pensar a formação do Professor e do Fisioterapeuta senão experimentando a dar aulas ou atender seus pacientes, recebendo assim a orientação qualificada para tal, fazendo-o reflexionar sobre a sua ação docente, senão discutindo e entrelaçando a teoria com a prática e a prática com a teoria.

Palavras chave: Hidroterapia, psicomotricidade relacional em meio aquático, formação profissional.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a água está presente na vida dos seres humanos desde a vida intra-uterina, é seu habitat natural em um espaço curto de sua existência. Mesmo depois de abandonar este meio após o nascimento, este elemento da natureza continua sendo indispensável ao homem para sua sobrevivência. Após o nascimento, ainda nos primeiros meses de vida, o ser humano guarda em sua memória os aprendizados que ali realizou. Se a ele for permitido continuar a ter o contato com ela, não encontrar  dificuldades para ali estar e usufruir de seus benefícios, apesar de não possuir órgãos adaptados para viver dentro da água, necessitando que ocorra uma nova adaptação das suas estruturas de base, responsáveis por seu comportamento. Podem fazer parte do reencontro do ser humano com este meio experiências positivas ou negativas, dependendo das vivências que a ele for oportunizado durante a sua vida. Entende-se que explorar o meio aquático através de uma intervenção pedagógica seja adequado em qualquer idade, por dois motivos. Primeiro pela atração que provoca nas pessoas por seu aspecto lúdico, e segundo, por suas propriedades físicas, que proporcionam a diminuição das tensões ao mesmo tempo em que permite uma maior amplitude de movimentos. Estar e agir no meio aquático não é igual a estar e agir no meio aéreo. Reforçam-se nesse momento alguns benefícios proporcionados pela especificidade desse meio, em especial, aos beb s e crianç as com necessidades educacionais especiais.

O meio aquático é um contexto que pode ser um ambiente "facilitador", enigmático, envolvente, um verdadeiro "envelope corporal" como diz Vitor da Fonseca (2000). Pois, possibilita a intervenção do adulto, que deve ter como premissa básica, deixar a crianç a e a água encontrarem-se, através do deixar a água atuar, Onofre (2000;2004). Por outro lado, a água aquecida favorece o relaxamento, o aconchego e a proximidade corporal com os outros. O mesmo autor salienta que, a água   fascinante e obsidiante, contemplante e captante de investimento de relações de poder e de afirmação, um meio de permeabilidade fantástica.

Hipócrates (460-375 a.C.) já usava a imersão em água quente e fria para tratar doenç as, como espasmos musculares e doenç as articulares. Ele recomendava a hidroterapia para o tratamento de muitas doenç as, incluindo reumatismo, icterícia e paralisia. Os Gregos, desenvolveram centros de banho perto de fontes naturais e rios. Os Romanos expandiram ainda mais o sistema de banhos desenvolvidos pelos gregos. Destacaram-se por suas habilidades arquitet nicas e edificações. Os banhos foram utilizados inicialmente por atletas, mais tarde, tornaram-se centros para saúde, higiene, repouso e atividades intelectuais, recreativas e de exercício. O sistema Romano evoluiu para uma série de banhos com temperaturas variadas: Caldarium ( guas

muito quentes), Tepidarium (águas mornas) e Frigidarium (águas frias). Com o declínio do império romano os banhos aos poucos deixaram de existir. O termo hidroterapia ou hidrática, como era chamado, está sendo substituído gradativamente por hidrocinesioterapia ou fisioterapia aquática, já que, citar hidroterapia constitui as diversas formas de se tratar com o recurso água. Uma simples compressa pode ser considerada uma forma de hidroterapia. A balneoterapia, as duchas quentes, frias ou mornas, as compressas úmidas, a crioterapia, a talassoterapia, saunas, turbilhão, hidromassagem, e diversas outras condutas até mesmo beber água pode ser considerada hidroterapia. O termo piscina terapêutica foi usado há algum tempo como sendo o substituto da hidroterapia, pois algumas pessoas a usam até hoje. Muitas foram às maneiras e nomenclaturas que esta atividade terapêutica foi denominada, segundo Ruoti e cols. (2000).

Alguns chamam de hidroterapia, que é derivado das palavras gregas hydor - água e therapia – cura, segundo Skinner e Thomson (1985). A hidroterapia explora as propriedades físicas da água, conforme a necessidade individual de cada paciente. Busca através de métodos e exercícios específicos, somente a recuperação funcional do paciente. Esses exercícios são utilizados como forma alternativa de condicionamento físico, baseados no aproveitamento da resistência da água como sobrecarga, facilitando "a priori" o movimento, o condicionamento físico e o treinamento de força muscular sem o impacto articular.

Segundo White (1998); Skinner & Thomson (1985), a hidroterapia é conceituada como exercícios realizados na água. Para Bates e Hanson (1998), são exercícios aquáticos terapêuticos. Para Thomson, Skinner; Piercy (1994) é o uso terapêutico da água. A terapia com o uso da água se consolida a partir do início do século XX, quando recebeu atenção científica, Skinner & Thomson (1985).

Thomson; Skinner; Piercy (1994) além de destacar os seus benefícios para o físico, realçam também que, quando realizados em grupo, os exercícios aquáticos melhoram a convivência, proporcionam lazer e favorecem a ludicidade, levando os pacientes à reabilitação.

Outros chamam de Hidrocinesioterapia, que é a utilização de recursos fisioterapêuticos de mobilização em meio fluido objetivando benefícios terapêuticos a paciente portadores de distúrbios do sistema músculo esquelético podendo ser de origens, reumatológica, respiratória, neurológica e ortopédica, entre outras. A hidrocinesioterapia é a tradução de diversos termos usados até o momento para se descrever o trabalho fisioterapêutico aliado aos benefícios na piscina.

Por outro lado, hidroginástica segundo Ruoti e cols. (2000), implica o uso de exercícios na água em vez do tratamento passivo do paciente por um profissional de saúde.

Mais tarde, por volta de 1900, destacou-se na Europa o desenvolvimento de duas técnicas de tratamento no meio aquático: o método dos anéis de Bad Ragaz e Halliwick. Bad Ragaz é uma cidade Suíça construída em torno de um spa de água morna natural. As técnicas utilizadas nessa época consistiam em exercícios de amplitude de movimento em diferentes planos com o paciente posicionado horizontalmente e estabilizado de várias maneiras de encontro a parece da piscina. As técnicas de Bad Ragaz não se originaram em Bad Ragaz, mas na Alemanha, desenvolvidas pelo Dr. Knupfer e trazidas para Bad Ragaz em 1957, por Nele Ipsen, apud Cunningham (1994). A finalidade principal desses exercícios era promover a estabilização do tronco e das extremidades, além de trabalhar com exercícios resistivos. Atualmente, segundo Ruoti e cols. (2000), o método de Bad Ragaz incorpora técnicas de movimentos com padrões em planos anatômicos e diagonais, com resistência e estabilização fornecidos pelo terapeuta. Estas técnicas são utilizadas para pacientes ortopédicos ou com comprometimento neurológicos.

O outro método, conhecido como Halliwick foi desenvolvido em 1950 por James MacMillan, tendo duas finalidades principais, conforme salienta Cunningham (1994), a primeira, seria ensinar aos pacientes a respeito deles mesmos e seu controle de equilíbrio na água, e a segunda, ensiná-los a nadar. O objetivo do Halliwick é promover o mais alto nível de independência, especialmente com relação às habilidades funcionais em terra, como consequência do trabalho em meio aquático.

Campion (2000), comenta que o objetivo deste método é equilibrar mental e fisicamente o "nadador", seja qual for a sua idade e o grau de deficiência. Adquirindo confiança e autoestima os inúmeros aspectos físicos e psicológicos são levados do meio aquático para a vida em solo. O método Halliwick é baseado no programa de dez pontos, o qual consiste em quatro fases, que James MacMillan assim denominou: ajuste mental ou adaptação no meio aquático (fase 1), restauração do equilíbrio (fase 2), inibição ou controle da postura (fase 3) e facilitação (fase 4).

Mais recentemente, além destes dois métodos, vem sendo introduzido nas disciplinas de hidroterapia dos cursos de Fisioterapia o Watsu ou Water Shiatsu (aquashiatsu, hidroshiatsu), que foi criado por Harold Dull em 1980 quando começou a fazer com que pessoas flutuassem em uma piscina morna, aplicando os alongamentos e movimentos do Shiatsu Zen que ele havia estudado em terra. O Watsu foi criado como uma

técnica de massagem ou bem-estar que não era necessariamente destinada a pacientes. Entretanto, terapeutas de reabilitação aquática aplicaram a abordagem a pacientes com uma variedade de distúrbios neuromusculares e musculoesquelético, relataram sucesso empírico, segundo Ruoti e cols (2000), apud Dull (1993). Um dos resultados mais benéficos do Watsu é o alongamento eficaz. Através do alongamento, admite-se que os meridianos fiquem mais perto da superfície do corpo, onde a energia que eles carregam pode ser liberada. Watsu compreende uma transição e sequência de movimentos especificamente prescritas. No Watsu as transições, ou meios de mover-se de uma posição para outra, são tão importantes quanto às próprias posições e os movimentos específicos realizados em cada uma. As transições criam um sentido de continuidade, de fluxo, que desenvolve confiança e ajuda o paciente a relaxar. Deve-se trabalhar o Watsu em água com temperatura próxima à da pele. 34C a 35C e a uma profundidade entre o umbigo e o peito do terapeuta.

Já na Educação Física a ênfase dada é a natação, que segundo Damasceno (1997) trata-se de ser um esporte estruturado e regulamentado que busca obter registros de tempo cada vez mais inferiores através de um treinamento metódico, individualizado e específico. Para Dieckert (1983) citado por Bueno (1998), a natação é a múltipla relação, pura e simples, com a água e com o próprio corpo. Bueno (1998), diz que a natação é uma atividade que engloba várias finalidades, como terapia, competição e lazer, através da locomoção na água. Velasco (1994), salienta que a água é o maior brinquedo existente na terra. Gomes (1995) diz que, nadar significa deslocar-se equilibradamente no meio aquático. Dizer que uma pessoa não sabe nadar quando ela consegue flutuar e locomover-se sem os pés no chão, está errado. Para um indivíduo com necessidades educacionais especiais, por exemplo, nadar significa essencialmente: ser autônomo e estar à vontade no meio aquático; ser ativo, graças aos meios próprios, por mais reduzidos que sejam. Relatando parte do depoimento de um indivíduo que sofreu um acidente de carro, ficando tetraplégico: *"Mas, no fundo, qual é o prazer que sentes em nadar com tão poucos músculos? É muito simples: a água para mim, representa um momento de liberdade, mesmo que, de vez em quando, beba muita água..."*. Lehmann (1987:13-14).

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Observação Participante, diário de campo e memorial descritivo

PARTICIPANTES DO ESTUDO

Alunos e Professores da disciplina de Natação (curso Educação Física) e Hidroterapia (curso Fisioterapia).

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Relembrar as aulas de hidroterapia, quando aluno do curso de fisioterapia e associar com as aulas de natação quando aluno do curso de Educação Física, faz pensar atualmente que pouco ou quase nada mudou na formação destes profissionais que pretendem atuar nesta área do conhecimento, principalmente quando se pensa em trabalhar com bebês e crianças que apresentam algum tipo de deficiência. Pois, ainda, na maioria das grades curriculares de ambos os cursos, pode-se constatar que a disciplina fica centrada quase que exclusivamente em técnicas e resultados, tanto na teoria como na prática. A prova teórica praticamente avalia a capacidade do aluno em descrever os estilos da natação propriamente dita (Ed. Física), e na Fisioterapia, em descrever os recursos hidrocinoterapêuticos associados a tal patologia, sendo que ambos os cursos devem mostrar conhecimento das propriedades físicas da água. Já na prova prática da disciplina de natação, os alunos da Educação Física, devem estar adaptados ao meio aquático e saber nadar os quatro estilos da natação. Na prova prática da disciplina de Hidroterapia os alunos devem saber aplicar as técnicas e os recursos hidrocinoterapêuticos, aplicados para as diferentes áreas (ortopedia, neurologia, reumatologia...).

Trabalhando há mais de vinte anos em meio aquático, primeiro na experiência de ser atleta de natação durante sete anos e posteriormente, como aluno e professor de Educação Física e Fisioterapia, em escolas, clubes, centros físicos, casas e condomínios, e ainda como docente no ensino superior, tais prerrogativas foram fortalecendo o fazer pedagógico, as crenças e convicções deste pesquisador frente à metodologia de intervenção adotada, no trabalho com bebês e crianças que apresentam algum tipo de deficiência.

Como entender o ser humano de uma forma holística, com enfoque bio-psico-social se ao cursar a disciplina de hidroterapia, percebe-se que na formação inicial, há um momento teórico, onde é falado de um

modo geral somente sobre os métodos Bad Ragaz, Halliwick e Watsu, associando assim a eficácia dos mesmos no tratamento de algumas patologias, esquecendo que a hidroterapia não se resume praticamente a três métodos. Já na prática, percebe-se claramente que os alunos ao entrar na água vão direto se encostar na parede da piscina, geralmente em pequenos grupos que por sua vez já se formaram por afinidades, experiência esta, vivenciada nas aulas de hidroterapia enquanto acadêmico de Fisioterapia. Quando o professor convidava alguém para ser voluntário, todos se olhavam e ninguém se prontificava, até que ele dizia *"vem tu mesmo... não tenham vergonha..."* estendendo o braço em direção a um determinado aluno do seu mesmo sexo. Depois da demonstração de algum método, o professor dizia: *"agora fiquem em duplas e façam um com o outro"*. Todos vão rapidamente pegar a mão do seu companheiro que tem mais afinidade. É vivenciado a técnica por alguns minutos e em seguida todos voltavam a se encostar na parede da piscina, quando não ficavam a olhar no relógio para saber quanto tempo faltava para a aula terminar.

É desvelando a corporeidade do outro que eu reconheço a minha, salienta Gaiger (2000). Como querer então que o aluno da disciplina trabalhe com pessoas do sexo oposto, se o professor raramente se atreve a convidar um voluntário de outro sexo, senão o seu? Como querer que esse aluno trabalhe com o corpo do outro se ele (aluno e/ou professor???) não se permitem muitas vezes, ser tocado e tocar, ser observado e observar, principalmente quando o outro é uma pessoa que tem algum tipo de "deficiência"? Como ter uma visão holística, compreender o ser humano como um todo e não em partes, se o trabalho em meio aquático, se reproduz quase que exclusivamente na aplicação de métodos e técnicas específicas que visam somente a analgesia, ao ganho de amplitude de movimento, a manutenção e/ou aumento de força muscular, a melhoria do equilíbrio, da marcha e da capacidade cardio-respiratória? Será que o aluno/paciente não tem uma bagagem cultural que deve ser aproveitada? Será que por mais limitações e déficits que ele tenha não tem algo para ensinar ou relatar de forma verbal ou não verbal? Isto faz lembrar as aulas de natação do curso de Educação Física, onde muitas vezes se escutava o professor falando da borda da piscina: *"abre os olhos, fecha mais a perna, dobra o cotovelo, finaliza a braçada..."*. Enfim, acaba-se dando ênfase naquilo que o indivíduo não consegue fazer e não naquilo que ele tem de positivo. Poderia até dizer que centram-se na chamada "concepção psicomotriz das faltas" conforme diz Negrine (1995) em relação ao período continuador da trajetória de Lapiere e Aucouturier. Cabe salientar que este período toma como ponto de partida os diagnósticos de perfil psicomotor da criança baseados em normas estatísticas de normalidade, para então prescrever um rol de exercícios que visam desenvolver a coordenação dinâmica geral, equilíbrio, lateralidade, orientação espacial, etc.

Não se pretende aqui dizer que um método é melhor que o outro, mas que este breve relato de experiência vivenciada ao menos faz pensar na formação do futuro professor de Educação Física e Fisioterapeuta, principalmente quando se acredita no potencializar o jogo simbólico para alavancar o desenvolvimento e aprendizagem infantil, na otimização das relações humanas, no permitir ser tocado e tocar, no deixar ser observado e observar, na disponibilidade corporal do adulto diante da criança, com ou sem deficiência, na espontaneidade e autenticidade de um ser criativo, reforça Gutierrez Filho (2003) e que na maioria das vezes vai trabalhar com o corpo do outro, mas que praticamente desconhece o seu próprio corpo.

Isto tudo, faz refletir sobre a importância de uma formação pedagógica inicial, além de uma formação pessoal com uma abordagem pela via corporal, no curso de graduação. Como pensar a formação do Professor e do Fisioterapeuta senão experimentando a dar aulas e/ou atender seus pacientes, recebendo assim a orientação qualificada para tal, além de reflexionar sobre a sua ação docente. Fatos esses levam à pensar, que na existe teoria sem prática e vice-versa, senão discutindo e entrelaçando a teoria com a prática e a prática com a teoria.

Ao lembrar do ingresso na carreira universitária, como professor da disciplina de Natação no curso de graduação em Educação Física, muita resistência foi encontrada, pois ao inovar e como todo projeto inovador tem resistência, os desafios foram enormes, porque os alunos estavam habituados a rotina que perfila até então nos cursos de graduação de um modo geral, ou seja, o aluno ao ingressar na disciplina primeiro tem uma vivência de adaptação ao meio aquático, para depois aprender os estilos da natação propriamente dita, como já foi mencionado. Ficando assim uma lacuna aberta no que tange ao atendimento da comunidade que poderia ser melhor aproveitada e valorizada. Naquela época, as disciplinas de natação eram divididas da seguinte forma, em Natação I e Natação II. Na natação I, a proposta era propiciar aos alunos diferentes experiências no meio aquático: desde adaptação até o aprendizado dos estilos da natação de forma rudimentar, hidrogenástica, pólo aquático, entre outros. Já na natação II, a finalidade era dar a oportunidade aos alunos de ministrarem aulas para crianças da comunidade, sejam elas com ou sem "deficiência". Foi um trabalho inovador e pioneiro no curso de Educação Física. A premissa básica adotada foi conjugar o acesso de todos ao saber. Isto também serve ao nosso aluno que até então não havia tido nenhuma experiência nesta área do conhecimento. Pois, foi

uma experiência de grande valia não só para este docente, como também para os alunos da graduação, que no contato sistemático e através das informações e discussões constantes com os alunos da disciplina pode-se refletir sobre o que fazer, como e porque fazer. Aos poucos foi desvelando-se as diferentes facetas desta área do conhecimento que ainda tem muito por ser desbravada. Além das palestras informativas, foi sendo possibilitado aos pais, algumas vivências no meio aquático em conjunto com seus filhos. Desta forma pode-se perceber que os pais, os filhos e os alunos da disciplina foram aos poucos compreendendo a abordagem que se queria dar nas aulas e na disciplina. Estes fatos causaram uma revolução e bastante resistência por parte dos alunos que até então estavam acostumados com o ensino tradicional. Na maioria das vezes, eles queriam que o seu aluno fizesse exatamente o que queriam ver e não o que o aluno gostaria de fazer segundo suas necessidades e interesses de momento.

Temos que conjugar o acesso de todos ao saber, pois a nossa função é valorizar as diferenças, é tornar a aprendizagem significativa, é produzir sentido e conhecimento através de processos coletivos de reflexão, visando a cooperação e não somente a competição. Por isso, deve-se primeiro repensar a formação dos educadores, para depois repensar a escola, podendo assim repensar a educação para quem sabe inverter totalmente os valores, isto é, dar prioridade ao ser e não ao ter, segundo Lapierre e Aucouturier (1986). Portanto, torna-se fundamental falar sobre a formação pessoal, com uma abordagem pela via corporal, nos cursos de graduação em Educação Física e Fisioterapia.

Segundo Falkenbach (2001), a formação pessoal se processa pela via corporal, são sessões práticas que oportunizam vivenciar situações lúdicas, dinâmicas e de sensibilização. A intenção é estar colaborando para a formação inicial dos alunos, através de uma prática que permite o autoconhecimento a partir da vivência relacional com o outro, com o grupo e consigo próprio. Reitero o meu profundo convencimento de que quem se ocupa do crescimento do ser humano, deve trabalhar consigo. É um compromisso com a vida e sua responsabilidade como profissional, diz Visnhevit (1994).

Para poder refletir sobre a importância de uma formação pedagógica inicial, além de uma formação pessoal referente aos profissionais da Área da Educação e da Saúde, mais especificamente Fisioterapeutas e Professores de Educação Física, é pertinente entender os pressupostos que norteiam sua realização. Ou seja, faz-se necessário começar a entender e compreender o movimento humano como um todo e não em partes, pois segundo Negrine (1995) o movimento humano em sua totalidade considera tanto os aspectos funcionais, como também relacionais. Em outras palavras, este movimento não é um simples movimento, mas o que parece expressar, em outras palavras, ele também carrega consigo expressão de sentimentos, emoções, manifestações de prazer e desprazer, bem como a expressão das potencialidades e fragilidades pessoais. Falkenbach (1998) reforça dizendo que a forma humana de sentir, de pensar, de emocionar ou compreender o mundo que o circunda, é codificada através da expressividade motriz, demonstrada a todo instante, em todo o gesto humano.

Enquanto aluno, faltou a oportunidade deste autoconhecimento, tanto no curso de Educação Física, como principalmente no curso de Fisioterapia, pois não se teve nenhuma disciplina no âmbito das chamadas práticas corporais alternativas, somente à nível do Mestrado em Ciências do Movimento Humano realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É uma lacuna que ainda está por ser preenchida nos cursos da área da Educação e da Saúde, pois ao ministrar algumas práticas de vivência corporal não somente para os alunos do curso de fisioterapia, mas também para os alunos da Educação Física, foi constatado que a maioria deles nunca haviam participado deste tipo de vivência, sendo que os que já haviam, foi por intermédio de cursos fora da Universidade. Constantemente os colegas perguntavam: *"Quando é que vamos ter outra aula daquela igual a que tivemos... foi tão legal..."*.

Algumas evidências foram constatadas na evolução das práticas realizadas, entre elas são: vive-se numa sociedade que abarca um rol de rótulos, estigmas e preconceitos, frente àqueles indivíduos considerados pelo "senso comum" fora do "modelo" ou se preferir do estereótipo daquela cultura. Pois, em uma das vivências, foi sugerido a seguinte brincadeira, um aluno deitado em posição de decúbito dorsal sobre as mãos dos seus colegas (na altura acima da cabeça), era carregado por todos que caminhavam pelo ginásio. Portanto, quando o aluno que iria ser carregado pelos demais apresentava um biotipo considerado "normal" pela sociedade, nenhum dos seus colegas falavam, porém, no momento em que foi uma pessoa fora desse estereótipo, alguns indivíduos começaram a rir, outros a fazerem comentários, como, por exemplo: "há será que vamos conseguir carregar ele". Neste momento é gerado uma expectativa não só da pessoa que vai carregar, mas principalmente daquele que será carregado, pois, nestas diferentes vivências está arraigado princípios importantes como: permitir ser tocado e tocar, confiança, desconfiança, vontade própria, entre outros. Em uma prática como esta, onde o professor, psicomotricista ou facilitador permite a eclosão das emoções, dos sentimentos de cada

participante, nota-se que há pessoas que ficam segurando a eclosão dessas emoções, isto é por razões diversas acabam não se permitindo realizar realmente aquilo que gostariam segundo suas necessidades e interesses de momento, seja com o outro, seja com o material, seja consigo, seja com o grupo. Acredita-se que uma das razões dessa dificuldade de entrega, está interligada com a história primária de cada um, ou seja, há pessoas que só tomam uma decisão se antes consultar os pais, pois suas vidas giram entorno das regras pré-estabelecidas pela família desde o momento do nascimento; por outro lado a maioria dos envolvidos nessa prática num primeiro momento estão preocupados sobre o que o outro vai achar, o que os colegas vão dizer, ou seja, eu me preocupo com o outro e não comigo. Como é que seria a formação daqueles alunos (curso de Fisioterapia e Educação Física) que tiveram no seu currículo uma disciplina de formação pessoal, em relação àqueles que não tiveram. Será que estes sairiam com uma formação diferenciada? Para melhor elucidar este fato, é importante transcrever o relato de um memorial descrito por um aluno em Formação Pessoal:

“Como todo início, é sempre difícil, pois eu sinto dificuldade para iniciar a aula prática, preciso me concentrar, relaxar, pensar no que devo fazer. Não sei se sinto medo, insegurança, é meio complicado para escrever o que realmente sinto, se torna um pouco desgastante, mas aos poucos vou me conscientizando que não existe nada que possa me fazer mal, que estou num lugar seguro e calmo, mas assim sozinha vou me soltando, pensando no além, deixando o inconsciente tomar conta do meu corpo, fazendo fluir. Existe pessoas que se transformam, viajam muito longe, mas eu não sei se é medo mas não consigo viajar, sair do lugar onde estou, por mais que eu me esforce, não adianta, parece que tem barreira na minha frente e tenho medo de passar por ela, pois não sei o que está atrás dela, é um medo que toma conta de mim, do meu inconsciente. Na aula tento me desprender, como nessa, tinha momentos em que me senti sozinha, encolhida num canto, com medo do mundo. Mas nessas aulas que estou sentindo que falta alguma coisa para me tornar mais forte, mais capaz, sinto que quando criança tive muita proteção dos meus pais, e isso fez com que hoje se sentisse insegura no que vou realizar, por isso nunca consigo fazer nada sem antes consultar eles. Às vezes sinto uma vontade imensa de chorar, é um impulso quase que incontrolável, quando vi a minha colega chorando, essa vontade aumentou que quase chorei junto, mas seguro com medo das outras pessoas, mas no final a sensação é inesquecível, pois com o prolongar do tempo me sinto aliviada, consegui colocar para fora aquela angústia. Me sinto super bem no final de cada aula. Obrigado por me fazer sentir melhor, pelo menos uma aula que eu possa relaxar, não é estressante. Muito Obrigado”. (Obs: Este memorial descritivo foi devidamente autorizado pelo aluno para publicação).

Todo este aprisionamento de sentimentos reflete nas atividades de vida diárias e no relacionamento com os demais, onde aceita-se com isto relações de domínio e de poder, na maioria das vezes de forma inconsciente, inibindo as manifestações autênticas e espontâneas, chegando até perder a identidade, salienta Bertherat (1995). Portanto, tomar consciência do corpo é ter acesso ao todo, pois o corpo é espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza representam não a dualidade do ser, mas sim sua unidade. Deve-se ter isto como primordial para fortificar, resgatar e qualificar as relações inter-pessoais, reforça a autora.

Lapierre e Aucouturier (1984) salientam que a autenticidade do diálogo gestual e tônico não é obtida repentinamente. Ela necessita do abandono das reações de defesa, proteções contra a vulnerabilidade afetiva. Atuar com seus fantasmas diante do olhar do outro, é se encontrar nu e sem defesa, é tirar a máscara, abandonar o personagem segundo as convenções sociais. Para isso, é preciso se libertar aos poucos do medo do outro, do julgamento do outro, do temor de não ser aceito. Os adultos, dentro de um grupo, não querem espectadores, mas dificilmente chegam a deixar de ser seus próprios espectadores. De acordo com Negrine (1998), as práticas corporais alternativas referem-se a todas as atividades que ocorrem e se ampliam na sua aplicação à margem dos currículos acadêmicos, sendo de certa forma desprezados pela ciência, o que leva a construção de sua fundamentação ser realizada fora das instituições vigentes.

Atualmente a produção científica pertinente às práticas corporais norteia-se ainda tomando apoio no paradigma racionalista. Segundo Negrine (1998), isto torna difícil a compreensão do desenvolvimento humano, devendo no seu entender, o estudo que tem esta intenção, orientar-se também nas bases de modelos qualitativos, os quais lidam com sensações, afetos, emoções, etc. As práticas corporais dominantes, ou seja, todas aquelas que historicamente fazem parte dos currículos de Educação Física e Desporto nas suas diferentes vertentes, cultuaram e perpetuaram o movimento técnico, estereotipado, tendo como finalidade a reprodução em série, desenvolvendo-se dentro de uma perspectiva racionalista.

As práticas corporais referidas sustentam-se no eixo de um paradigma qualitativo que privilegia o movimento simbólico, sendo este a representação das emoções, da espontaneidade, da criatividade e do imaginário do indivíduo, onde a manifestação corporal de seus participantes lhes é peculiar. As práticas corporais buscam resgatar um homem que possa viver de forma não-racionalista suas diferentes dimensões, ou

seja, pensar e agir permitindo e potenciando o surgir de sua criatividade, de suas sensações e percepções, oportunizando sua introspecção e proporcionando-lhe a reflexão e ressignificação de sua ação. As pessoas as procuram, com o objetivo de preencher lacunas que se formam na sua vida pessoal e profissional, passando a ter um caráter terapêutico na medida em que curam o indivíduo da distância e ignorância que o mesmo criou de si mesmo e da relação com seu corpo, buscando portanto redimensionar sua vida, afirma o mesmo autor.

A formação pessoal, inicialmente proposta por Lapierre e Aucouturier (1984), constitui-se numa das vertentes de formação dos “psicomotricistas relacionais” nas escolas de formação de formadores em psicomotricidade. Segundo Negrine (1998), esses autores acreditam que os psicomotricistas só podem desempenhar uma ação pedagógica coerente quando, antes de trabalharem com o outro, trabalharem a si próprios, o que irá permitir-lhes no decorrer do processo a descoberta de novas vias de impressão e expressão corporal, constituindo-se em uma fonte inovadora na formação de adultos, marcando suas bases teóricas numa perspectiva psicanalítica. Até os anos 70 formaram parceria, sendo esses autores reconhecidos como os grandes inovadores da psicomotricidade e criadores da psicomotricidade relacional. Atualmente seguem por caminhos distintos: Aucouturier, trabalhando com crianças e adultos e Lapierre somente com adultos. Apesar de os mesmos continuarem a defender a Formação Pessoal, apresentam diferenças no que se refere a como deve se dar essa formação. A metodologia que utilizam difunde-se através de cursos que ministram em diferentes lugares. Suas ideias são incorporadas apesar de não haver uma sistematização metodológica, onde a prática passa a ser o único instrumento para justificar qualquer intenção. Neste sentido, torna-se fundamental oportunizar aos acadêmicos de Educação Física e Fisioterapia, diferentes experiências e vivências teórico/prática através da formação pessoal e da psicomotricidade relacional em meio aquático, que por sua vez, pouco ou muito pouco vem sendo difundida nos respectivos cursos.

FUNDAMENTOS DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL EM MEIO AQUÁTICO

A psicomotricidade relacional em meio aquático situa-se como prática educativa que utiliza a via corporal com a finalidade de favorecer o desenvolvimento humano, fundamentalmente, da criança em idade pré-escolar, Negrine (2002). Sendo que o objetivo desta proposta é favorecer o desenvolvimento integral da criança através de vivências corporais significativas no meio aquático, utilizando movimentos técnicos e simbólicos como ferramentas pedagógicas.

As bases teóricas da psicomotricidade relacional em meio aquático seguem o mesmo ideário da proposta pedagógica de Negrine e estão alicerçadas na abordagem psicopedagógica de Vygotski, o qual entende que o desenvolvimento não é simplesmente uma lenta acumulação de mudanças unitárias, mas sim um processo dialético complexo, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento de diversas funções como a inter-relação de fatores externos e internos.

O princípio pedagógico que norteia a psicomotricidade relacional em meio aquático que se está propondo, tem como âncora pedagógica a atividade lúdica, contrapondo-se aos modelos funcionalistas, dando destaque à vivência simbólica da criança no meio aquático.

CONCLUSÃO

Ao tratar da temática da hidroterapia a psicomotricidade relacional em meio aquático, pode-se concluir que a *formação pessoal* proporciona ao adulto em formação inicial experiências corporais concretas, defrontando-se com diferentes situações que irão promover-lhe autoconhecimento, visando que desbloqueie certas resistências; dimensione suas limitações, frente a diferentes situações vivenciadas; descubra potencialidades adormecidas, melhorando como consequência sua autoimagem e autoestima. Essa formação aliada a sessões de psicomotricidade relacional em meio aquático oportuniza ao adulto acadêmico de Fisioterapia e/ou Educação Física e/ou áreas afins, vivenciar seu corpo de forma lúdica, utilizando-o como instrumento técnico, ao mesmo tempo que entende ser o pensamento e o corpo inseparáveis. Esta terapia propõe e oportuniza ao adulto vivências lúdicas, tanto individuais como em grandes e pequenos grupos, sem a preocupação com o gesto estereotipado, como também oportuniza vivências de sensibilização corporal na relação com os objetos, consigo mesmo, com a água e na água.

Esta terapia corporal aliada a sessões de psicomotricidade relacional em meio aquático não tem a intenção de mudar o enfoque da Educação Física e da Fisioterapia, uma vez que tem suas finalidades e espaço bem-definidos, mas oferecer uma alternativa na formação de adultos que utilizem, como elementos pedagógicos, a ação, o pensamento e a linguagem, sem ter a preocupação de atingir performance ou gestos técnicos.

Embora se saiba da responsabilidade e da busca constante na construção do saber, que um trabalho deste exige, convém salientar que a intenção do artigo foi apenas a de reflexionar sobre a formação inicial dos Professores de Educação Física e Fisioterapia, tudo com intuito que a Formação Pessoal e a psicomotricidade relacional em meio aquático, possa vir a ser mais uma alternativa para colaborar e ampliar a formação dos futuros profissionais na área da Saúde e da Educação.

Neste sentido, pode-se dizer que os currículos de formação inicial, nesta área do conhecimento, devem "a priori" estar estruturados e sustentados em diferentes vertentes de formação, contemplando também uma formação pessoal e sessões de psicomotricidade relacional em meio aquático aplicada principalmente aos bebês e crianças com e sem deficiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTHERAT, T. **O correio do corpo** – novas vias da antiginástica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BATES, A.; HANSON, N. **Exercícios aquáticos terapêuticos**. São Paulo: Manole, 1998.
- BUENO, J. M. **Psicomotricidade Teoria e Prática: estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquática**. São Paulo: Ed. Lovise, 1998.
- CAMPION, R.M. **O Método Halliwick e a Educação Condutora: Hidroterapia Princípios e Prática**. Manole; São Paulo, 2000.
- CUNNINGHAM, J. Applying Bad Rag method to the orthopedic client. **Orthopedic Physical Therapy Clinics in North America**. 1994.
- DAMASCENO, L. G. **Natação, Psicomotricidade, Desenvolvimento**. Secretaria dos Desportos da Presidência da República, 1997.
- FALKENBACK, A. "Uma abordagem corporal na formação do profissional da área da saúde". In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, Ano V - n.9, 1998/2.
- _____, A. "Educação Física para crianças de 0 a 3 anos de idade: prática de ensino arrolada no 2º semestre do curso de educação física". In: **Revista Perfil**, Porto Alegre, Ano V - n.5, 2001.
- FONSECA, V. "Fundamentos psicomotores da aprendizagem da natação em Crianças". In: COSTALLAT, D. et al. **A psicomotricidade otimizando as relações humanas**. São Paulo: Arte e Ciência, 2000, p.185-198.
- GAIGER, Paulo. "Um ensaio sobre a corporeidade". In: **Revista Perfil**, Porto Alegre, Ano IV, n.4, 2000.
- GOMES, W.D.F. **Natação: uma alternativa metodológica**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- GUTIERRES FILHO, P. J. B. **A Psicomotricidade relacional em meio aquático**. São Paulo: Manole, 2003.
- LAPIERRE, André, AUCOUTURIER, B. **Fantasma corporais e prática psicomotora**. São Paulo: Manole, 1984.
- _____. **Simbologia do movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LAPIERRE, A., LAPIERRE, A. **O Adulto Diante da Criança**. São Paulo: Manole, 1987.
- LEHMANN, R. **O ensino da natação a deficientes graves**. Lisboa: Desporto, 1987.
- NEGRINE, A. da S. **Terapias Corporais: A formação pessoal do adulto**. Porto Alegre: Edita, 1998.
- _____. **O corpo na Educação Infantil**. UCS, Caxias do Sul, 2002.
- _____. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Psicomotricidade: alternativas pedagógicas, v.3. Porto Alegre: Prodil, 1995.
- ONOFRE, P. S. "Deixar a água actuar...!!! uma intervenção educacional em meio aquático... com crianças das primeiras idades (3 meses aos 2 anos)". **Cadernos de Educação de Infância**, Lisboa, n. 54, 2000.
- _____. **A criança e a sua psicomotricidade**. Lisboa, Trilhos, 2004.
- ROUTI, RT; MORRIS, DM; COLE, AJ. **Reabilitação aquática**. São Paulo. Manole, 2000.
- SKINNER, A. T. & THOMSON, A. M. **Duffield: exercícios na água**. São Paulo: Manole, 1985.
- THOMSON, A.; SKINNER, A.; PIERCY, J. **Fisioterapia de Tidy**. São Paulo: ED Santos, 1994.
- VELASCO, C. G. **Habilitações e reabilitações psicomotoras na água**. São Paulo : Harbra, 1994.
- VISNHEVITZ, B. **Eutonia: educación del cuerpo hacia el ser**. Barcelona: Paidós, 1994.
- WHITE, M.D. **Exercícios na água**. São Paulo: Manole, 1998.